

POST-SCRIPTUM

Margarida Braga Neves*

O poema “Post-Scriptum” foi dado à estampa no volume *Poesia – I*, de 1961. Nele Jorge de Sena reuniu os seus quatro primeiros livros de poesia, que representam duas décadas de intenso labor, adicionando-lhes ainda os trinta e três poemas inéditos e dispersos a que deu o título de *Post-Scriptum*. A composição destes ocorreu ao longo de quinze anos, entre 1944 e 1959, ou seja, alguns meses antes da sua partida para o exílio no Brasil.

Como esclarece num dos seus famosos prefácios, em que evidencia a unidade do conjunto e o seu carácter particular na organização cronológica do livro: “São apenas, e muito apenas, um punhado de versos que, de certo modo constituem um todo; e por isso se lhes deu um título próprio: Post-Scriptum”.

Tratou-se, pois, de aproveitar um ensejo único para os poemas “ficarem em volume”, vindo ao mesmo tempo acrescentar-se ao conjunto alargado de que passaram a fazer parte – o primeiro tomo da sua obra poética reunida e, mais tarde, os dois subsequentes, com os quais não deixam de estabelecer um diálogo profícuo. Esta compilação, que nunca teve existência autónoma, corresponde assim a uma circunstância excepcional na poesia seniana e merece por isso ser sublinhada.

Datado de 27/ 5/ 54, “Post-Scriptum” é o vigésimo oitavo poema do conjunto, onde ocupa um lugar proeminente, visível logo no título que é o da própria colectânea. Por outro lado, a sua importância no cânone seniano é confirmada pelo facto de ter sido incluído na antologia que Jorge de Sena fez de si mesmo em 1972 e a que deu o título de *Trinta Anos de Poesia*.

Composto por dezoito versos longos de extensão irregular, agrupados em seis estrofes – quatro tercetos, um dístico e um quarteto – o poema constrói-

se inicialmente sob o signo da negatividade, através de uma repetição anafórica: “não sou”.

Porque é efectivamente de uma veemente rejeição que aqui se trata. Nos três primeiros tercetos, em que o verbo ser se encontra conjugado fundamentalmente no presente do indicativo, o sujeito afirma-se pela negativa como não sendo daqueles cujos restos mortais podem vir a ser venerados, não podendo servir de estandarte a nenhuma causa, ou de fonte de inspiração “ao jovem solitário”.

Sensivelmente a meio do poema, a partir do quarto terceto, o tempo verbal é alterado, passando a ser usado o futuro do indicativo: “não serei”, “morrerei” e “me lerá”. Projectando-se negativamente num porvir que deseja nulo, o sujeito poético rejeita liminarmente vir a tornar-se “consolação dos tristes, / dos humilhados”, negando qualquer forma de permanência ou de culto póstumo e afirmando em contrapartida a mais absoluta solidão no momento derradeiro: “Não, não serei nada de quanto fica ou serve, / e morrerei, quando morrer, comigo”.

No quarteto final, porém, começa a vislumbrar-se a única saída possível para o radical niilismo que atravessa os catorze versos anteriores. Resta com efeito a escrita, a criação poética, esse tracejado frágil mas contínuo que cruza o tempo e o espaço ligando as gerações. E assim a leitura a ocultas, impelida pela curiosidade maior, permite àquele que contra si mesmo ousa praticá-la a suspeita suprema, sem a qual não pode aceder ao texto na sua plenitude, uma vez que “[...] mesmo a poesia ainda é disfarce da vida.”

“Post-Scriptum”, primeiro o poema, mais tarde o conjunto em que se integra, é assim aquela sequência de ritmos e de versos que vêm depois e se acrescentam ao que já era dado por concluído, embora na verdade não o estivesse. Porque, tal como se lê noutro texto da mesma colectânea, “O fim que não acaba”: “tudo se dissolve num fim que não acaba”.

Diante desse fim que não é um fim, mas sim uma forma de inacabamento, espria-se a posteridade de Jorge de Sena, no processo infindável que permite

aos seus leitores apoderarem-se de um conhecimento muito raro e precioso – o de que a poesia, e só ela, permite o acesso sem disfarce à vida.

O que é corroborado num dos mais emblemáticos poemas senianos, ““La Cathédrale Engloutie”, de Debussy”, sobre o surgimento da poesia no início da juventude, após a audição do prelúdio do autor de *L’Après-midi d’un faune*: “as fissuras da vida abriram-se-me para sempre, / ainda que o sentido de muitas eu só entendesse mais tarde.”

Não há regresso de uma epifania como esta. E cabe ao leitor comprová-lo, a cada nova leitura de uma obra que não esconde antes revela em “firmes sequências” aquilo que se oculta para além das “fissuras da vida”. Mesmo que o seu alcance mais amplo e profundo vá sendo sucessivamente adiado.

Setúbal, 13-14 de Abril de 2019

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se doutorou com a tese “Para uma poética da metamorfose na ficção de Jorge de Sena”, e onde se dedica ao ensino graduado e pós-graduado da literatura portuguesa moderna e contemporânea e da didáctica da literatura. Investigadora do CLEPUL-Centro de Literaturas e culturas lusófonas e europeias, tem publicações em livros e revistas nacionais e internacionais da sua área de especialidade. Organizou, prefaciou e anotou diversos volumes, entre os quais a antologia bilingue *7 Contos Portugueses* (Bratislava, 2015).